

Notas de um caderno de viagem: Cuba

"... el paso inicial de un mundo radicalmente nuevo." É assim que Armando Hart, jovem Ministro da Educação de Cuba, se refere à Revolução de seu país.

Não tentarei explicar a êsse mção de 24 anos que não há nada de novo sob o Sol; êle sabe que há, inclusive êle mesmo e a Revolução. E essa sua crença é extraordinariamente produtiva, pois êle já abriu alguns milhares de escolas e em 1961 espera estar dando educação a todos os meninos em idade escolar. A Revolução multiplicou por oito, quase, o orçamento de seu Ministério. E transforma quartéis em escolas.

"... nosotros tenemos dificultades económicas si queremos tener dificultades económicas, y resolvemos todos los problemas económicos del país, presentes e futuros, si estamos en disposición de resolver esos problemas económicos. o sea de hacer las cosas que debemos hacer para lograr esos fines."

Isso está em um discurso de Fidel Castro, de 17 de setembro de 1959. Não é uma verdade. É uma afirmação de fé e de vontade de trabalhar. A fé e a vontade de trabalhar não resolvem, infelizmente, todos os problemas econômicos de um país. Eles dependem de muitos fatores objetivos, internos e externos. Mas quando o homem acha que o destino está em suas mãos êle começa, efetivamente, a ser dono de seu destino. Ou a pensar que é, o que não dá no mesmo, mas fica muito parecido.

• • •

À Revolução cubana não falta, como se vê, ingenuidade. Mas não é com ceticismo que se fazem revoluções.

Uma Revolução se faz com muita coisa, inclusive com os "bofes." Foi a primeira coisa que vimos em Cuba, os "bofes" da Revolução: mulheres feias feiamente vestidas de vermelho e preto nos esperavam no aeroporto. São "las damas de la Revolución." Não sei o que elas fizeram, e acredito

que tenham praticado atos heróicos, pois há um potencial enorme de energia acumulado no interior de cada "chaveco."

Mas como estão à vontade, como se mostram na luz, como brilham prazenteiras! A Revolução lhes deu a grande oportunidade da vida.

Cuba é um país de muitas mulheres bonitas, e muitas lutaram pela Revolução; muitas morreram, que eram belezas em flor. Mas na vanguarda estão os "bofes", ou, como diria Marx: "as que não têm nada a perder, e um mundo novo a ganhar."

Beije uma na testa.

* * *

Eu e Marcito chegamos cedo demais ao Palácio, onde o Presidente da República oferecia aquela noite um banquete à comitiva de Jânio Quadros.

Ficamos a esperar em uma saleta do primeiro andar. O salão de honra era guardado por dois milicianos. Um dêles, mocinho, miúdo, de cabelos longos a se enroscar nos ombros, como o "Che" Guevara ou o Raul Castro. A princípio estava muito marcial e formalizado. Quando se acostumou com a nossa presença e nos esqueceu, começou a fazer micagens. Simulava exercícios violentos com seu fuzil belga; fêz um ataque a baioneta que era um "ballet" digno de um Chaplin ou de um Cantinflas. Falava torrencialmente, com a volubidade dos cubanos; o outro torcia-se de rir. O menor adotava as posturas mais desleixadas e, súbitamente, fazia um "apresentar armas!" infernal.

— Fidel Castro não gosta que a gente apresente armas quando êle passa...

Perguntei-lhe por quê.

— Acho que êle se assusta comigo...

E riam de chorar, os dois. Foram rapazinhos assim que derrotaram um Exército de dezenas de milhares de homens muito bem armados e treinados pelo Ditador. Era um Exército que antes de perder a guerra tinha perdido a alma.